

O ATELIÊ BIOGRÁFICO: UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS DE ARTE

THE BIOGRAPHIC ATELIER: A ROOM FOR CONTINUOUS FORMATION OF ART TEACHERS

Rosvita Kolb-Bernardes¹
rosvitakolb@gmail.com

ISSN 1982-8632



Revista
@mbienteeducação.
6(1): 65-72, jan/jun,
2013

RESUMO

A disciplina de Prática de Ensino de Arte toma a atividade artística do licenciando como fonte de reflexão para a docência. Essa ação leva às seguintes questões: O processo de criação artística alimenta a prática docente? A prática docente influencia o processo de criação do artista-professor? A proposta deste artigo é apresentar uma análise da prática artística e da prática docente de um grupo de professoras da educação básica, mostrando os indícios que revelaram os caminhos que essas docentes construíram ao longo de suas práticas como educadoras, artistas e pesquisadoras.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de Professores • Memória • Ensino de Arte

ABSTRACT

The discipline Prática de Ensino de Arte (Practices of Art Teaching) takes the licensee's artistic activity as a source of reflection to the docents. This action leads to the following questions: Does the creation process feed the docent practices? Do the docent practices influence the creation process of the artist-teacher? This article proposal is to show a practical analysis of both artist and docent practices of a group of basic education teachers, indicating the signals that reveal the pathways built by these teachers during their practices as educators, artists and researchers.

KEY WORDS: Teacher's Education • Memories • Art Teaching

65

¹ Licenciatura em Desenho e Plástica pelo Centro Universitário Feevale (1979), Especialização em Arte-Educação pela USP e Mestrado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991). Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (2011). Professora em cursos de graduação e pós-graduação e Coordenadora do curso de Licenciatura de Educação Artística, da Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Assessora das proposições curriculares da educação infantil da Prefeitura de Belo Horizonte. Pesquisadora na área de ensino de Arte e educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, educação infantil, educação estética, narrativas de formação, abordagem autobiográfica, história de vida.

O ateliê biográfico:
um espaço de formação
continuada de
professoras de arte

Kolb-Bernardes R



HISTÓRIAS DE VIDA E MEMÓRIA

A alma é invisível, um anjo é invisível, o vento é invisível, o pensamento é invisível, e [...], com delicadeza, se pode enxergar a alma, se pode adivinhar um anjo, se pode sentir o vento, se pode mudar o mundo com alguns pensamentos. (MURRAY, 2001)

Embevecida pela delicadeza das palavras da poetisa Roseana Murray, eu, sendo uma professora, gosto de pensar que ainda temos tempo de mudar o mundo, tornando os nossos pensamentos, as nossas práticas, os nossos desejos e sonhos mais visíveis, deixando que o professor/aluno perceba a si, o outro e as coisas que estão ao seu redor.

Sou professora de Arte do Ensino Fundamental e leciono também, já há alguns anos, a disciplina de Prática de Ensino de Arte no curso de Licenciatura de Educação Artística da Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Essa disciplina tem como princípio tomar a atividade artística do licenciando como fonte de reflexão para a docência. Faz parte do conteúdo dessa disciplina acompanhar a prática artística dos alunos em processo de formação, durante o estágio supervisionado.

Para o presente artigo, escolhi trazer alguns fragmentos sobre a prática artística e a prática docente de algumas professoras licenciadas pela Escola Guignard da UEMG. Busco, através disso, revelar alguns indícios sobre os caminhos que essas professoras têm construído no seu processo de ser professora-artista-pesquisadora.

Em 2008, criamos um grupo de estudos a partir da disciplina de Prática de Ensino do Curso de Licenciatura de Educação Artística da Universidade do Estado de Minas Gerais. Esse grupo tinha a função de ser um espaço de discussão e reflexão de formação continuada para ex-alunas já professoras. É a partir dele que faço as minhas

reflexões e busco os indícios para este artigo.

O Grupo de Estudos, que funcionou durante dois anos, assumiu a forma de um Ateliê Biográfico inspirado nos fundamentos e procedimentos utilizados pela pesquisadora francesa Christine Delory-Momberger (DELORY-MOMBERGER, 2008) e pela pesquisadora suíça Marie Christine Josso (JOSSO, 2004), que trabalham com as histórias de vida.

A proposta de formação por meio de histórias de vida vai além da utilização dos saberes formais, reconhecendo, como importantes, os saberes da experiência. Nessa perspectiva, a proposta do “ateliê-biográfico”, criado por Christine Delory-Momberger, define-se como:

[...] um procedimento que inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito e visa fazer emergir o seu projeto pessoal, considerando a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 359).

Marie Christine Josso (2004, p. 27), ao propor o trabalho com “histórias de vida e formação”, indica a prática da narrativa como sendo uma oportunidade para o sujeito “caminhar para si”, para a tomada de consciência dos seus percursos pessoais e profissionais.

A história de vida narrada é, assim, uma mediação de conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre seus diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam a formação. (JOSSO, 2004, p. 27).

Dessa maneira, os elementos do “ateliê-biográfico”, as histórias de vida e, também, os traços da pedagogia da autonomia de Paulo Freire (FREIRE,

2004), que evidencia a relação dialógica na construção do conhecimento, foram incorporados à dinâmica dos encontros do grupo.

Buscamos, assim, por meio dessas diferentes formas de expressão, trazer questões sobre a nossa prática em sala de aula, sobre a professora-artista que somos ou gostaríamos de ser.

Caracterizei esse processo como sendo um exercício de tomada da consciência de si e do outro, o qual foi realizado em três momentos: 1) Narrativa oral: contar alguma experiência de sala de aula; ler em voz alta alguma experiência para o grupo; 2) Narrativa escrita; 3) Narrativa visual. Esses três momentos foram vivenciados através de uma postura reflexiva, pois o narrar a própria história e as experiências com a arte e com a educação permite ao professor-aluno o reconhecimento e a compreensão de si.

As narrativas escritas no caderno coletivo e no caderno pessoal eram lidas em voz alta, no início de cada encontro. Tais narrativas eram constituídas pelo relato da experiência de uma das participantes do grupo ou pelos comentários, impressões e avaliação do encontro anterior. Com isso, a experiência de uma puxava o fio da memória da experiência da outra, provocando um encadeamento de reflexões intensas.

Um dia, uma professora fez o seguinte registro:

Uma das questões que ficaram para mim durante a discussão do nosso último encontro foi o relato feito pela professora Amanda, ex-aluna do curso, sobre a sua performance com o feijão Andu. Este relato, de alguma forma, confunde-se com a minha história, o catar feijão teve para mim uma simbologia. Faço uma relação com o processo de criação e a construção do processo educacional no qual a universidade está inserida... Tem dois anos que procuro participar de um grupo de estudo e de pesquisa...

para poder trocar experiências... Às perguntas do nosso último encontro: que artista professor que quero ser/ou que sou? Ainda não dei conta de responder... (Fernanda, aluna do 8º período de Artes Plásticas).

Em outro encontro, outra professora, que levou o caderno coletivo para casa, escreveu:

Foi muito emocionante a caixinha de memórias que Fernanda trouxe. A emoção da sua escrita ecoou dentro de cada um de nós. Foram poucas palavras e muitas verdades. Fomos tecendo as nossas memórias ao ouvir a Fernanda. Parece que estamos tecendo uma colcha de retalhos nestes nossos encontros, é como se a colcha e os tecidos fossem as nossas experiências, a linha, a arte/educação, e a agulha, o diálogo. É onde as conversas e as trocas dão firmeza à costura, as nossas histórias... E quando achamos que já era hora de alinhar, chegaram flutuando as pipas da Ana Beatriz... mais emendas. Mais retalhos. Sem previsão de bainha. Nada acabado. Será que algum dia nós vamos acabar? (Professora Amanda).

Percebe-se que as narrativas de formação, em diálogo, instigam a criação de uma escrita poética. Dizer o vivido, narrar a experiência são também espaços de criação, de construção de sentidos. Espaço regado pela memória. E a memória:

[...] é mais que lembrança, configura um quadro de referências coletivas que nos ajuda a saber quem somos, quem são os outros e o que nos torna tão únicos, os mesmos. Não é uma capacidade de lembrar-se das coisas, mas uma capacidade de relacioná-las na busca dos significados e sentidos. (BARROS, 2009).p.42-43

Na colcha de retalhos de experiência que ia sendo tecida nos encontros, o diálogo levava à reflexão. As conversas e trocas sobre as experiências relatadas revelavam histórias singulares da vida de cada sujeito do grupo de estudos, permitindo a retomada dos percursos de formação e autoformação,





construídos por cada um.

Assim, esse movimento de parar para ouvir as histórias do outro, nesse caminho de retomada e consciência da autoformação, permitia rever as práticas desenvolvidas na relação com as crianças no cotidiano educativo. Como exemplo, temos o registro de uma das professoras que testemunha sua percepção, após participar do grupo, de que as crianças com as quais trabalhava não prestavam atenção nela, não ouviam o que ela falava. Ela contou que, a partir de então, começou a pensar em algumas estratégias para a sua aula. E, assim, ela propôs a eles a confecção de papagaios:

Pensei que, para aprender a falar para elas, seria significativo primeiro escutá-las e aprender com elas. E aí... logo pensei na pipa, nos meses de vento, junho a agosto. [...] Percebi que a pipa é um brinquedo importante e corriqueiro para as crianças deste bairro. (Professora Ana Beatriz).

Ao ouvir o relato de Ana Beatriz sobre os papagaios, uma outra professora volta à sua memória de infância e narra:

Senti uma imensa vontade de escrever sobre a minha vida hoje ao ouvir o relato de Ana Beatriz. Lembrei de muitos momentos preciosos de minha infância. Por muito tempo achei que tive uma infância ruim. Perdi meu pai, ainda bem pequena, e não achava graça na escola. Eu era até uma aluna estudiosa, mas já pensava em outras coisas, como levantar cedo e ir para o quintal olhar o céu... os papagaios... devia ter uns 6 ou 7 anos. Lembro que foi num dia de muito vento. Saí de casa para olhar o céu, quando percebi pequenos objetos voadores... com rabos coloridos... não entendi e fiquei muito intrigada como foram parar lá no alto. Logo depois meu pai apareceu lá fora e disse:

‘— São papagaios! Quer um?’

— Eu: Compra pai!!!

— Não, vamos fazer...’

Achei impressionante meu pai me dizer que iríamos fazer um papagaio...

‘— Como?’

Não tinha a menor ideia. Guardei esta imagem por muito tempo na minha memória. Hoje, ao ouvir o relato sobre papagaios, reencontrei-me por alguns minutos com o meu pai.” (Professora Jaqueline).

HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DOCENTE

O caminho metodológico que adotamos no grupo de estudos foi, cada vez mais, se caracterizando pelas narrativas autobiográficas, abrindo espaço para o acolhimento das histórias de vida das professoras e, assim, para a reflexão sobre seus caminhos de formação.

Um aspecto essencial dessa linha de pensamento de formação por meio das histórias de vida reside no reconhecimento – ao lado dos saberes formais e exteriores ao sujeito visados pelas instituições escolar e universitária – dos saberes subjetivos e não formalizados que os indivíduos colocam em prática nas experiências. [...] Essa importância dada à experiência individual está inserida em um movimento global que associa intimamente os formandos aos processos formativos e os considera como os autores responsáveis por sua própria formação. O poder-saber dado é aquele que, ao refazer a história de sua vida, ele próprio se forma – lhe permitirá agir sobre si mesmo e sobre o seu ambiente, provendo os meios para reescrever sua história de acordo com o sentido e a finalidade de um projeto. (FABRE, apud DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 361).

Assim, esses caminhos foram sendo repensados e reconstruídos, por exemplo: Fernanda, ao ouvir o relato da Amanda, reconheceu a si mesma na busca de dar sentido ao seu processo de formação na Universidade; por sua vez, com sua escrita poética e simbólica, Amanda descreveu o movimento

do grupo de estudos como a construção de uma colcha de retalhos; e Juliana, naquele momento, trouxe suas angústias em relação ao estágio supervisionado e sua busca pela construção de seu próprio caminho na docência, fazendo um movimento de retomar as anotações dos seus cadernos de sala de aula e, com isso, dando sentido ao caminho que havia traçado para atuar como professora. Dessa maneira, elas reescreveram suas histórias.

Além das narrativas das próprias professoras, havia a proposição de trabalhar, também, com narrativas visuais, com “o fazer”, com o investimento no processo de criação pessoal. Nessa direção, lançamos mão de diferentes estratégias, como a utilização de textos literários (inspirando-me, também aqui, em parte da minha prática docente). Foi com esse propósito que assistimos ao vídeo “Histórias da Unha do Dedão do Pé do Fim do Mundo” (2007), com poesias de Manoel de Barros, criado a partir do seu livro “Memórias Inventadas” (BARROS, 2003). Um dos poemas presentes no vídeo fala do quintal da casa, da intimidade com as coisas, do afeto que nos constituem e que, por vezes, esquecemos. Tudo isso estava ligado à memória, ao caminho que estávamos traçando no grupo.

Uma professora, ao assistir ao vídeo, lembrou-se da oficina do pai no quintal da sua casa. Revelou a memória de uma infância carregada de questões que foram importantes para o seu processo de criação artística.

Cresci em uma casa onde no quintal existe uma oficina, é a minha primeira memória que aparece quando penso na minha infância. É a oficina do meu pai. Lá meu pai, em seu processo criativo, construía e compunha o tempo todo. Criava os nossos brinquedos, construía casinha na árvore, criava muitas coisas que facilitavam o nosso dia a dia. Algumas vezes ficava observando meu pai, que passava horas do seu final de semana na ofici-

na. (Professora Ana Beatriz).

Ela segue com as comparações:

Acredito que um conjunto destes elementos da minha infância tenha proporcionado uma transformação mais evidente do meu olhar, o que contribuiu para minha formação enquanto artista. Esse novo olhar me tornou uma pessoa mais feliz. (Professora Ana Beatriz).

Assim, também outra professora manifestou-se:

Mais adiante nas minhas recordações, lembrei-me das brincadeiras num pequeno cômodo, nos fundos, no quintal da casa, com minha irmã.[...] Fazíamos de porta duas vassouras cruzadas e revezávamos quem seria a visita que, com um boneco de plástico nos braços, vestido com roupas feitas por nossa mãe.[...] Nessas lembranças consigo perceber uma “estética da escassez” em que conseguíamos ver além do que tínhamos materialmente. Acho que nós nunca devíamos perder esse espírito imaginativo e criativo da infância, ou melhor, as escolas poderiam partir destes atributos da infância para tirar partido nas aulas de Arte.” (Professora Marilene).

Da poesia e ludicidade de Manoel de Barros, fui buscar a poesia Carrego Comigo, de Carlos Drummond de Andrade, e o trabalho plástico da artista Têti Waldraff. Trabalhar com a poesia de Drummond e com a obra de uma artista contemporânea no contexto da sala de aula veio de uma experiência minha com a arte no Ensino Fundamental, veio de um “saber da experiência” (BONÍA, 2002), de um saber construído na minha relação com o cotidiano docente. Foi esse saber, validado na reflexão, que me permitiu trazer essa experiência para o âmbito da universidade.

Iniciei essa atividade mostrando a obra Estratégias de Mudanças, da artista gaúcha Têti Waldraff. É uma obra que fala dos sentimentos e da memória. O suporte do trabalho da artista é o “car-





rinho” de viagem, usado para empilhar sacolas, malas e compras. Ela apresenta sete carrinhos com trouxas costuradas, coladas e embrulhadas. Não dava para saber o que havia dentro dos embrulhos. Todas as sete trouxas estavam cobertas com tecidos coloridos, floreados e muitas lantejoulas. Em algumas trouxas, era possível identificar flores de plástico, como copos-de-leite. Em outra trouxa, apareciam uma bandeja, um prato, copos e talheres, não ficando muito visível o que a artista carregava na sua bagagem. Após a apreciação da obra, perguntei às professoras o que, afinal, cada uma carregava na sua bagagem... na sua mala... para ser uma professora.

Olho para as coisas e quero transformá-las. Quero interferir no meio ambiente. Não é sonho, talvez leveza, como Ítalo Calvino apresenta. Olho para o mundo e tento ver além do que está parado diante de mim.[...] Lembro de dois períodos importantes da Universidade... Dois períodos com meus primeiros registros. Primeiro estágio. Era um estágio em recreação. Dúvidas saltavam pelo meu ser: Posso ensinar arte na recreação? E assim volto aos meus cadernos...[...] Preciso alimentar-me das minhas anotações anteriores. Será que algum professor falou sobre isso? Sinto-me angustiada e pensei: a escrita é um ato de reflexão, que talvez possa me ajudar neste momento tão solitário. Durante meus estágios, recorria aos meus cadernos, minhas anotações. Lembrava das aulas da professora Sônia Assis, do primeiro período, quando nos mostrava as possibilidades dos olhares. Sabia que tinha que olhar este estágio de uma forma diferente. Meu movimento era o de refletir, sobre as aulas que tive na Universidade, tentando relacioná-las com o estágio. Buscava dar sentido àquilo que estudei e o que estava vivendo no estágio... e em que momentos estas coisas se encontravam? Será que se encontravam?[...] Observo que estas anotações foram e estão sendo meus suportes para construir meu caminho, como professora. Agora já quase no final do curso [...] revi todas as aulas que tive na Uni-

versidade e volto para as primeiras aulas no primeiro período, até as oficinas do sétimo período. Percorro este caminho até chegar à minha primeira aula como professora, onde escolhi trabalhar com o olhar. Percebo, nas minhas reflexões, que estou sempre buscando olhar, saber que estou sempre buscando olhar, saber enxergar, desembaraçando olhares próprios e alheios. [...] Eles são o meu suporte. (Juliana, aluna do 8º período).

Ao ouvir Juliana refletindo sobre o seu processo de ser professora, penso na contribuição da pesquisa autobiográfica no processo de formação. De acordo com Souza (SOUZA, 2010, p. 163): “A ideia é de que é a pessoa que se forma e forma-se através da compreensão que elabora do seu próprio percurso de vida [...]”. É preciso, pois, dar espaço para os professores em formação mostrarem suas bagagens, pensarem no que trazem e no que poderão colocar na mala da experiência dali para a frente.

No sentido de buscar uma outra dimensão e aprofundar mais ainda esse trabalho, com as nossas malas abertas, seguimos para a costura de patuás: após a leitura da poesia Carrego Comigo, cada participante escreveu pequenos bilhetes, recheados com a sua história, segredos, sonhos e desejos, na busca do seu processo de ser professora e artista. Esses bilhetes foram costurados, remendados em pequenas trouxas, pequenas almofadas, patuás.

Nesse processo, percebi a dificuldade de algumas e a facilidade de outras em escrever sobre seus segredos e sonhos na jornada de ser professora, pois algumas pediam mais papel (os bilhetes ficaram grandes) e outras deixavam sobrar espaço no papel (os bilhetes eram mínimos). Escrever é desafiador, principalmente para o professor de arte, que, raramente, utiliza essa linguagem. Porém, ao mesmo tempo, é fundamental “dizer-se” por escrito para poder tomar-se nas mãos, para

poder ver e significar seu percurso.

Na narrativa escrita, a reflexão é potencializada.

O trabalho centrado nas histórias de vida, diários biográficos e narrativas de formação, adota, além da reflexividade, outros aspectos e questões relativos à subjetividade e à importância de se ouvir a voz do professor ou compreender o sentido da investigação-formação, centrada na abordagem experiencial [...](SOUZA, 2006), p. 1).

A cada encontro, fomos aprofundando as relações de confiança, afirmando as identidades das vozes pronunciadas nos seus tons diferentes, percebendo que, como dizem Guilherme Prado *et al.* (2008, p. 73), “a partir do outro tentamos dar forma às nossas histórias”. Formas que, às vezes, se pareciam com uma colcha de retalhos, com corações bordados, onde a tessitura do sonho não ficava no avesso da costura, projetava-se para o primeiro plano. Histórias carregadas de desejo e de afeto, acolhidas pela escuta silenciosa e atenciosa de cada uma. À medida que o grupo se encontrava, costurávamos essas histórias, seguindo pelos

caminhos da narrativa poética de Carlos Drummond de Andrade, pelas memórias inventadas do poeta Manoel de Barros ou pelas trouxas misteriosas da artista Têti Waldraff.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo tinha sentido. Sentadas ao redor de uma mesa posta, compartilhávamos não só a comida que nos alimentava o corpo físico mas o alimento que dava significado às nossas vidas de professoras. Através do ato de narrar, reconhecemo-nos como sujeitos da nossa própria história, dando sentido para a professora que somos ou gostaríamos de ser.

Foi assim que, seguindo pelas trilhas internas de cada uma, envolvidas pelos fios da experiência, tivemos a oportunidade de viver momentos fundadores, os quais se formaram oralmente, por escrito e visualmente. Organizar esse grupo de estudos, inspirado na proposta do “ateliê-biográfico”, possibilitou revelar, neste artigo, alguns indícios sobre o caminho que nós professoras temos construído com a arte, com a vida, na escola.





REFERÊNCIAS

- BARROS, J. M. Sobre panos, bordados e memórias In: __ CRAVEIRO, F. Escrituras bordadas. Belo Horizonte: Com/Arte, 2009.
- BARROS, M. Memórias inventadas: a infância: São Paulo: Planeta, 2003.
- BONÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, p. 20-28, 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&nrm=iso >.
- DELORY-MOMBERGER, C. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto: São Paulo: Paulus, 2008.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa: São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- JOSSO, M. C. Experiências de vida e formação: São Paulo: Cortez, 2004.
- MURRAY, R. Manual da delicadeza de A a Z: São Paulo: FTD, 2001.
- PRADO, G. V. T. *et al.* GEPEC: da educação continuada ao desenvolvimento pessoal e profissional em uma perspectiva narrativa. In: SOUZA, E. C.; PASSEGGI, M. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B.(Org.) Pesquisa (auto) biográfica e práticas de formação. Natal, R N: EDUFRN; São Paulo: Paulus,2008.p.59-74 .
- SOUZA, E. C. O conhecimento de si, as narrativas de formação e o estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experiencial de formação inicial de professores In: __ ABRAHÃO, M. H. M. B. Aventura (Auto)biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- SOUZA, E. C. Acompanhar e formar, mediar e iniciar: pesquisa (autobiográfica) e formação de formadores In: __ PASSEGGI, M. C. S., V.B. (ORGS). Invenções de vidas, compreensão e itinerários e alternativas de formação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.157-180.